

A Educação e a Individualidade

Juliana Menezes Azevedo

Estudei no Colégio Anchieta

Porto Alegre, Brasil

No contexto atual, a escola tem um dever - cada vez maior - na formação, não só acadêmica, mas também moral e social de seus alunos. As instituições de ensino são o ambiente primário da socialização e é a partir da convivência que a criança constrói sua visão particular do que é existir no coletivo e de qual virá a ser seu papel na nossa sociedade. A maneira em que a escola vem a interferir em tal é determinante para os valores da próxima geração.

O Papa Francisco diz “É necessário unir esforços para alcançar uma aliança educacional ampla a fim de formar pessoas maduras, capazes de reconstruir o tecido relacional e criar uma humanidade mais fraterna”. Tendo isso em vista, não seria mais importante educar as crianças a serem seres comprometidos com o bem-estar e a vida ao invés de focá-los apenas em provas de vestibular? A questão é: estamos formando pessoas para obedecer ou para transformar?

Após a leitura da PEC da Rede Jesuíta da Educação de 2016, chego em três conceitos que considero fundamentais para o ensino integral: a diversidade, a igualdade e a superação. O primeiro faz referência à parte sociável do aprendizado. O contato com diferentes realidades promove indivíduos conscientes das desigualdades e dos desequilíbrios da sociedade para que possam lutar pelo contrário.

A igualdade é um termo ainda utópico, já que existem muitas crianças sem acesso ou o auxílio necessário para sua aprendizagem plena. Isso a torna uma luta atual para que possa ser alcançada concretamente em um futuro próximo. Nesse contexto, é essencial que todos tenham as mesmas condições de uma formação acadêmica, rica em conhecimento, criando cidadãos competentes no ofício e solidários entre si.

Já o terceiro conceito diz respeito à ciência e ao profissional, auxiliando na construção de seres independentes e capazes de superar intelectual e socialmente as mazelas da geração passada. Citando o Papa Francisco: “Toda geração deveria pensar em como transmitir seus saberes e seus valores à geração futura, pois é através da educação que o ser humano alcança o seu potencial máximo e se torna um ser consciente, livre e responsável.”

Mas se somos pessoas naturalmente livres?

Por que esse termo tem que ser reforçado na educação?

Tornou-se uma prática comum que algumas instituições de ensino usem de seu poder e sua disciplina para controlar e padronizar a individualidade do aluno. Ao invés de valorizarem a sua singularidade e ajudá-lo a se aperfeiçoar nela para o mercado de trabalho, moldam o educando em um único formato.

Em certas linhas pedagógicas, passar a ideia de autoridade se torna mais importante do que estimular a autonomia, a bondade e a criatividade. Na educação não existe ingenuidade, inocência ou gratuidade. Tudo tem uma intenção e nesse caso é fazer com que o mundo permaneça como está.

A educação básica é um direito de todos. Não podemos mais fingir que não vemos que só se enaltece a inteligência de poucos. O engajamento por questões de justiça social deveria ser tão importante no ingresso nas universidades, quanto a nota de uma prova. Queremos resultado, e uma sociedade mais igual, fraterna e evoluída é o melhor possível.

Se queremos a mudança, é necessário dar voz a projetos de trocas entre os estudantes, que promovam reflexões e resoluções de problemas que atendam as diferenças, como o EFI e outros. Desde cedo o aluno deve saber que ele é o protagonista da sua formação e que com consciência e informação se conquistam grandes coisas.